

DESPEDIDAS

JOSÉ CALASANS: UM MESTRE, UM PESQUISADOR, UM PIONEIRO

*Jerusa Pires Ferreira**



Foto cedida pela autora

Fui orientanda de José Calasans, no mestrado de Ciências Humanas da UFBA, coordenado então por Antonio Luiz Machado Neto, de 1974 a 1977, quando era professora de literatura portuguesa da Universidade Federal da Bahia. Embora houvesse

diferenças até mesmo dos nossos itinerários de vida e dos campos de pesquisa e métodos, aprendi a conviver com ele e a admirá-lo por seu conhecimento, por suas tantas qualidades e pelas características muito especiais de sua personalidade.

Ele era a própria oralidade em processo, o detentor da memória dos fatos, dos episódios e das gentes do sertão. Devo dizer que o mestrado era temático – o sertão – e isso nos aproximou bastante, para além das relações familiares, que nos fazia conhecidos e contraparentes. Foi com ele que comecei a relacionar, de forma sistemática, a Idade Média e o sertão: nos folhetos de sua coleção, deu-se minha formação inicial, e daí partiriam minhas incursões sobre o tema. Eu trazia um outro repertório teórico e fazia os cursos do Centro Internacional de Semiótica em Urbino, Itália, nos anos de 1975 e 1976, enfrentando além disso uma transformação radical em minha vida. Mereci de sua parte acolhida sem reservas, que ia dos sorvetes servidos pela gentileza de dona Lúcia, em sua residência, ao sono reparador no sofá da sala, quando a pesquisa se fazia cansativa a esse ponto. Também o empréstimo de livros. A sugestão de leituras e o respeito total por algumas incursões teóricas que fugiam do seu raio de ação, mas que ele aceitava com grande apreço.

O que mais encantava em José Calasans, além de sua generosidade, era sua grandeza, sua paixão pelos temas, a graça com que contava coisas que se passaram ou que ele inventava, a partir de repertórios correntes, repetindo casos como se fossem seus. E colocava, em tudo o que fazia ou contava, muito espírito.

Não tinha nada de pequeno ou mesquinho. Podia até entregar-se a impulsos e arruobos, podia sair dos trilhos e ficar zangado, só não podia remoer pequenezas e insídias.

Podemos dizer que conviviam nele dois impulsos. Aquele para o institucional, para o sistema, a ordem, o prestígio conferido por agremiações e academias. Assim, foi presidente do Rotary Club, diretor da Faculdade de Filosofia e vice-reitor da UFBA, membro da Academia Bahiana de Letras, além de fazer o Curso Superior de Guerra.

O outro era a tendência oposta: uma admiração para com a rebeldia, para com as vozes não ouvidas, o universo das culturas populares. Quanto ao conflito de Canudos, tema de sua vida, optou muito cedo pela figura do Conselheiro, pesquisa e paixão que o acompanhariam. E deixava ver que estava bem do lado dos jagunços, das figuras que compuseram esta contraparte viva de nossa história, daqueles do Belo Monte.

Foi então reunindo materiais, informações, reflexões e os passou para muitos pesquisadores a quem recebia com atenção carinhosa e para quem abria os seus sésamos. Foi o que fez com o romancista Mario Vargas Llosa, que a partir daí produziu sua

versão de Canudos, em *A guerra do fim do mundo*. Continuou atendendo a tantos que o procuraram, alimentando muitas teses universitárias, a obra de vários e importantes artistas de nossa terra, buscando fazer com que ficasse viva a presença desta história de assimetria social e de sangue na história do Brasil.

No tempo em que fazíamos o mestrado, tratou de ouvir remanescentes do massacre, mulheres de jagunços, seus descendentes. Teve a intuição e a sutileza de reunir seus depoimentos e, ao falar delas, em livrinho que publicou pela UFBA, deu o título de *Quase biografias*.

A certa altura, doou seus materiais, livros, enfim seu acervo, compondo o Núcleo do Sertão da Universidade Federal da Bahia. Coerente, no que toca à adequação de um temperamento à pesquisa, antena prodigiosa de memória e de captação de relatos e de atos narrativos, foi um dos pioneiros em História Oral no Brasil. Textos, método, atuações estão aí para prová-lo.

Conservador e avançado, ao mesmo tempo, circunscrito e aberto, apostando sempre no novo e na competência. Já aposentado, dirigiu o Museu Eugênio Teixeira Leal, do Banco Econômico da Bahia, instalado no Pelourinho, e conduziu-o para a documentação e para a participação da comunidade. Lembro-me de ter levado ali o medievalista e amigo Paul Zumthor que queria muito encontrá-lo, além de ter todo um conhecimento sobre Canudos. Voltou encantado com a exposição organizada por Calasans.

Também não podemos esquecer que Calasans foi professor por toda a sua vida, não deixou o ensino secundário e fazia questão de se assumir assim, deixando marcas que não se apagaram em muitos daqueles que foram seus alunos no ginásio e no colegial, como então se dizia.

Quem o conheceu de perto, não poderá esquecer a beleza de seus olhos e aquele falar com uma dicção tão fluente quanto emperrada por uma emissão meio pastosa. No ano de 1996, sabendo que eu ia a Limoges, França, contou-me da marca desta porcelana em seu imaginário juvenil e me pediu uma xícara, que aliás lhe trouxe, depois de uma escolha muito carinhosa. Havia nele a ternura de pequenos gestos.

Contou-me uma vez um caso que costumava repetir e que mostrava o quanto era cheio de graça e de fantasia. Num Congresso de folcloristas, alguém discursando o citara assim: “Como dizia o saudoso José Calasans...”, e ele na platéia teria levantado o braço e dito “Ei, rapaz, estou aqui”, ao que o orador, num repente de mestre, retrucou “Sim Calasans, eu disse saudoso por estar com muita saudade de você”... Seguiram-se risos e abraços.

O conjunto de suas qualidades, desprendimentos, atuações fez dele um grande homem, um excelente professor, um mestre, um pioneiro a nos abrir pistas e caminhos, que nem sempre tivemos tempo ou pudemos aproveitar, por conta de todas as injunções que a vida nos prepara e das muitas opções que se abrem. Por isso, cabe lembrá-lo, com admiração, e lamentar que este sergipano ilustre e baiano de adoção tenha nos deixado neste ano de 2001, aos 85 anos. Uma falta enorme.

Nota

* Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e da ECA/USP.